

política sobre grupos humanos específicos do que sobre questões teológicas, ainda que se deva levar em conta, naturalmente, que o islã é mais do que um conjunto de crenças, influenciando, em maior ou menor grau, a vida econômica, política e mesmo as relações internacionais.

Daí a dificuldade do Ocidente moderno – organizado secularmente – compreender as sociedade muçulmana e toda a sua complexidade. Essa é das maiores contribuições do livro de Peter Demant que, além de dedicar-se a explicar o surgimento do islã no século VII, na península árabe, sua expansão durante séculos – o islã, como o cristianismo é uma fé expansionista e monopolista da verdade –, a originalidade de sua inserção em diferentes regiões do mundo (Parte 1), debruça-se também sobre a questão que tanto nos interpela: a relação dessa civilização com a pós-modernidade (Parte 2) e os motivos para o sucesso do fundamentalismo no islã (Parte 3). Ao leitor, as explicações introdutórias do autor: “a ‘volta à religião’ é um fenômeno internacional que se observa entre cristãos e judeus tanto quanto entre muçulmanos. Não há dúvida de que o mundo muçulmano, no Oriente Médio em particular, estava pouco preparado para os controles políticos e econômicos – e para a invasão cultural – que as potências ocidentais conseguiram impor graças à sua supremacia militar . (...) Quando os muçulmanos se viram confrontados pela superioridade ocidental, a humilhação foi provavelmente maior do que a sofrida por outras civilizações, pois o islã considera uma impossibilidade teológica a tentativa de equiparar-se, nesses termos, ao Ocidente.”

O Mundo Muçulmano, ilustrado com mapas e fotos explicativos, é um belo livro. Destina-se a um público amplo e para facilitar a vida do leitor, apresenta uma cronologia, além de uma extensa bibliografia para quem quer se aprofundar sobre temas conexos.

Norma Breda dos Santos

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Introdução às Relações Internacionais**: temas, atores e visões. Petrópolis: Vozes, 2004, 248 p. ISBN: 85-3262-958-X

O número de cursos de Relações Internacionais no Brasil, tanto de graduação quanto de pós-graduação, cresceu rapidamente nos últimos anos. A ampliação da área acadêmica das Relações Internacionais do Brasil reflete a necessidade de formar profissionais habilitados a lidar com questões internacionais, uma demanda tanto da iniciativa privada quanto de órgãos públicos nas mais diversas esferas. Entretanto, como em qualquer área que cresce rapidamente, existem muitos desequilíbrios e carências, verificados principalmente no ensino de graduação em Relações Internacionais.

O livro da Prof^a Cristina Pecequilo dedica-se a fazer uma introdução às Relações Internacionais, partindo de experiências concretas de ensino e pesquisa na área, durante as quais a autora se deparou, por parte de alunos e professores, com um grande conjunto de dúvidas e dificuldades. Tal conjunto era composto de indagações que englobavam temas como o ponto de partida do estudo das Relações Internacionais, as questões sobre o exercício da profissão e a bibliografia adequada para o ensino. Do ponto de vista teórico, a autora busca mapear os principais conceitos, fundamentos e teorias das Relações Internacionais, indicando as várias possibilidades analíticas de interpretação.

O livro está dividido em cinco capítulos. No primeiro, a autora procura definir o campo de estudos e de atuação profissional, construindo o objeto, a disciplina e o mercado de trabalho. A autora define como objeto de estudo das Relações Internacionais os atores, acontecimentos e fenômenos que existem e interagem no sistema internacional. Para ela, foi o crescimento e expansão do seu objeto de estudo, o internacional, que gerou a própria necessidade da disciplina Relações Internacionais. Entretanto, as Relações Internacionais são uma “disciplina multidisciplinar”, formada por conceitos provenientes de outras áreas e orientada em torno de diversos eixos temáticos das Ciências Sociais. Para finalizar o capítulo, a autora realiza um balanço do ensino e do mercado de trabalho no Brasil, constatando seus principais impasses e desafios.

No segundo capítulo, a autora trata da Sociologia das Relações Internacionais, definindo o sistema, os atores e o meio internacional. O sistema internacional é compreendido como o meio no qual se processam as relações entre os diferentes atores que compõem o conjunto das interações sociais que se processam na esfera do internacional. Os atores são divididos entre estatais e não-estatais. A autora descreve a formação histórica do Estado, principal ator das Relações Internacionais, discutindo a emergência de novos atores não-estatais, como as Organizações Internacionais Governamentais e Intergovernamentais, e as diversas forças transnacionais, como as empresas multinacionais e organizações não-governamentais. Já o meio internacional aponta quais são os fatores que regem o sistema global. Para evitar determinismos explicativos, afirma que os fatores que influenciam o sistema internacional são diversos, podem se combinar e dependem de conjunturas específicas e da atuação dos atores. Cita, ainda, cinco fatores que podem ser destacados como importantes no quadro das Relações Internacionais: natural, demográfico, econômico, tecnológico e ideológico.

O terceiro capítulo é dedicado à análise das teorias das Relações Internacionais. Em linhas gerais, a autora trabalha com a idéia de que essa área do conhecimento se orienta segundo dois eixos básicos: o da cooperação e o do conflito. Em termos teóricos, esses eixos se dividem em três principais correntes – o realismo, o liberalismo e o marxismo –, e cada uma delas, com base em suas

concepções, definirá seu foco e suas principais variáveis. As Relações Internacionais, como um campo multidisciplinar, não tem um corpo teórico-metodológico claro. Entretanto, o reconhecimento dessa dificuldade também demonstra seu dinamismo, pois a existência de diversas teorias gerais e também parciais contribui para enriquecer as análises dos fenômenos internacionais.

No quarto capítulo, Cristina Pecequilo trabalha com o debate atual e os novos temas nas Relações Internacionais, marcados pela atualização constante da agenda e também por transformações importantes no sistema internacional. Nesse sentido, as alterações provocadas pelo fim da Guerra Fria, pelos efeitos da Revolução Científico-Tecnológica e da globalização têm alterado também o debate teórico das Relações Internacionais e recomposto os temas de investigação. Nesse sentido, a autora discorre sobre alguns temas centrais no mundo pós-Guerra Fria, como o debate sobre o fim da História e o choque de civilizações. A autora também trabalha com as alternativas da esquerda após o fim da União Soviética, como a discussão em torno da economia socialista de mercado e a idéia de um paradigma de desenvolvimento asiático. Nas alternativas do lado ocidental, a autora analisa a Terceira Via como uma visão intermediária entre o neoliberalismo e as práticas de esquerda. Por outro lado, a autora trabalha com os movimentos anti-globalização e com o Fórum Social Mundial, como um movimento novo de repensar o marxismo e procurar alternativas à hegemonia neoliberal. Também fazem parte da agenda internacional as conferências internacionais da ONU – discutindo temas globais como Direitos Humanos, meio ambiente e desenvolvimento social – e as questões relativas à segurança internacional.

No quinto e último capítulo, a autora elenca como desafios teóricos e práticos das Relações Internacionais os impasses e constrangimentos internos para a formação da agenda internacional brasileira. Sobre a política externa brasileira, a autora analisa alguns de seus traços gerais e esboça alguns dos desafios da inserção internacional do Brasil no século XXI. Assim, a autora oferece, sobretudo, uma leitura brasileira acerca das Relações Internacionais, em um livro acessível e de fácil compreensão para iniciantes e iniciados. Os profissionais experientes também poderão utilizar o livro como uma sistematização útil, que fará repensar algumas classificações e conclusões sobre o tema. Dessa forma, certamente esse livro será rapidamente incorporado aos programas de disciplinas de Relações Internacionais nas universidades.

O livro constitui o primeiro título da Coleção Relações Internacionais, coordenada pelo Prof. Paulo Fagundes Vizentini e editada pela Editora Vozes. Além de cobrir os grandes temas curriculares dos cursos de Relações Internacionais, a coleção pretende colaborar para a redução da lacuna bibliográfica, com uma linguagem acessível e instrumentos de apoio para estudantes e professores da disciplina, como mapas e glossários. Nessa mesma coleção, já foi

lançado também o livro **Relações Exteriores do Brasil (1945-1964)** de Paulo Vizontini. Estão previstos os lançamentos de **História das Relações Internacionais, século XIX** – de Antônio Carlos Lessa; **História das Relações Internacionais II, século XX** – de Christian Lohbauer; **Política Internacional Contemporânea** – de José Augusto Guilhon Albulquerque; **Relações Exteriores do Brasil (1964-1985)** – de Paulo Vizontini; e **Relações Exteriores do Brasil (de 1985 aos dias atuais)** – de Rubens Ricúpero; entre outras obras que completarão a Coleção, tratando das Relações Internacionais da Ásia, África e América Latina.

André Luiz Reis da Silva

VIZENTINI, Paulo & WIESEBRON, Marianne (ed). **Free Trade For The Americas? The United States' Push for the FTAA Agreement.** London & New York: Zed Books, 2004, 256 p. ISBN: 18-427-7313-5.

Um dos mais conhecidos fenômenos dos anos 1990 – mas nem sempre corretamente percebido ou criticamente analisado – foi a aceleração dos processos de integração regional, sugerindo-se que o mundo do pós-Guerra Fria seria organizado em torno de blocos comerciais e econômicos. Superado o conflito bipolar, o fortalecimento do entorno asiático, chinês e japonês, somado à evolução da União Européia (UE) e à criação do Mercado Comum do Sul (Mercosul), parecia indicar que a alternativa regional se fortalecia como meio de inserção mundial e progresso interno. Nesse contexto, mesmo países como os Estados Unidos, que nunca haviam demonstrado um interesse específico nessas políticas, apresentaram propostas de integração em seu hemisfério, começando pela Iniciativa das Américas (IA); depois o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta), formalizando a interdependência pré-existente entre esse país, o Canadá e o México; até a Área de Livre Comércio das Américas (Alca), que visa abranger todo o continente.

Diante desses processos, muitos foram os que indicaram o início de uma nova era de prosperidade, sustentada nesses blocos, mas, principalmente, no fortalecimento das parceiras globais através desses novos atores. A despeito das implicações políticas e estratégicas que teriam tais acordos, essas discussões eram relegadas a um plano secundário à medida que o viés econômico, comercial e financeiro ganhava destaque, sendo percebido como motor de um crescimento e riqueza inevitáveis. Tais promessas eram particularmente disseminadas no continente americano, no qual os países menores percebiam a possibilidade de um acordo com os Estados Unidos como uma chance de recuperação doméstica e incremento de participação no sistema internacional. Porém, passada mais de